

0031185/2003



L0000031188

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

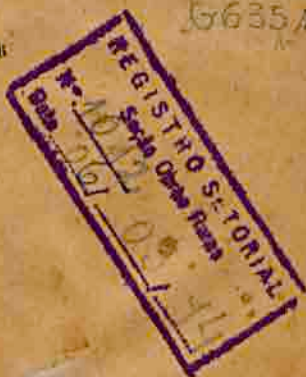
A. GONÇALVES DIAS

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

14.ª SÉRIE — NÚMERO 56

2.ª edição



LISBOA
“A EDITORA”

50, Largo do Con. Jarão, 50

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

BELO HORIZONTE

Rua de S. Bento, 63 || Rua da Bahia

1908

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître;
j'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai
raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux
les lumières de notre âge: j'ai fait mon cœur plus
simple, et l'ai baigné dans le benitier de la foi ca-
tholique; je me suis appris le parler enfantin du
vieux temps: et j'ai écrit!...

STELLO.

LOA DA PRINCEZA SANCTA

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rey huma batalha,
Deos lhe acudia do céu;
Quantas terras que ganhava,
Dava ao Senhor que lh'as deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
Torneyo não se fazia ;
He esse estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia ;
Para os armar cavalleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
E em cōrtes logo os reunia :
Vinha o povo attencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reyno,
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
Começava a discursar :
“Os Iffantes já são homens,
Vou-me ás terras d'alem-mar
Armal-os hy cavalleiros ;
Deos Senhor m'ha de ajudar.”

Não concluia o pujante
Rey — de assi lhes propor,
Clamavão todos em grita
Com vozes de muito ardor :
“Seremos n'essa folgança,
Honra de nosso Senhor!,”

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavão,
Sem se pezar de ninguem ;
E os Padres de Sam Domingos
Hião com elles tambem.

Hião, si, os bentos Padres:
E que assim fôsse, he rezão,
Que o santo em guerras d'Igreja
Foi um bom santo christão:
Queimou a muitos herejes
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava;
"Que terras temos por lá?",
Quem em Deos tanto confia,
Sempre Deos por si terá.

El-rey tornava benino,
Como coisa natural:
"Temos Ceita, Arzilla ou Tangero,
"Conquistas de Portu al!,
E todos, a voz em grita,
Clamavão: real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Os moços davão-se á guerra,
As moças á devação:
Aquella terra de mouros
Vivia em muita afflicção.

Deu-nos Deos tantas victorias,
E tanto para louvar,
Que os Padres de Sam Domingos
Já não sabiam rezar;
Todo-lo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeu!
Aquelles Padres coitados
Não tinham tempo de se;
Levavam todo cantando
Louvores ao pay do céu.

Louvores ao pay do céu,
Que eu inda possa trovar,
Quando não vejo nos mares
Nossas quinas tremolar;
Mas sômente o templo mudo,
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanarios subtiz,
E a prata das sacristias,
Servida em misteres vis,
E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
Digo que sou Portuguez:
Arço de ver nossas cousas
Hirem todas ao revez,
Arço de ver nossa gente
Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
He vida de muita dura!
Vivo esquecido dos vivos
Na terra da desventura;
Vivo escrevendo e penando
N'um canto da cella escura.

Do meu velho breviário
Só deixarei a leitura
Para escrever estes carmes,
Remedio á nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada é essa qu'hy vem?
Vem subindo Tejo acima,
Que formosura que tem!
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porém.

Dão signays as fortalezas,
Respondem signays de lá:
Vem el-rey victorioso!
Quem de gaudio se terá?
O mar he todo bonança,
O céo mui sereno está!

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar;
Acordão alegres echos
Os sinos a repicar;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar

Vinde embora e mui depressa,
Senhores da capital!
Vinde vêr Affonso quinto,
Rey, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
Fragueiros de condição;
Dormião quasi vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavam de noite
Sem fazer sua oração.

Empresa não commettiam
Sem primeiro commungar,
Sem fazer voto a algum sancto
De tenção particular;
Porém victorias houverão,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da protecção divinal,
Conhecerão os poderes
Da benção celestial,
Se contarem os mosteyros
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
Nossos mosteyros custosos,
São obras sanctas de Sanctos,
Obras de reys mui piedosos;
São brados de pedra viva,
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Dizem que forão mal gastos
Os bens com elles gastados:
Eu creio (Deos me perdõe)
Que são incréos disfarçados!

E mais pasmão dos feítios
De pedra, que Memphis tem,
Sem ter olhos pera Mafra,
Pera Batalha ou Belem!
Oh! se a estes conheceras,
Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meo Sancto, que fizeras,
Se ouviras a estes tais!
Que nos assacão motejos
A's nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas,
Relevai-me esta tardança;
São achaques da velhice:
Vivemos de remembrança
E em longas fallas fazemos
De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto
Nas suas terras pojou:
Alegre o povo o recebe,
Alegre el-rey se mostrou;
Abrio-se em alas vistosas,
El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
Nos atabales guerreiros,
Tangem outros istromentos
D'esses climas forasteiros,
E traz elles vem marchando,
Passo a passo, os prisioneiros.

São elles moiros gigantes
De bigodes retorcidos,
Caminhão a passos lentos,
Com sembrantes de atrevidos.
Causa medo vél-os tantos,
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de féro aspeito,
Homens de má condição,
Que vivem na lei nojenta
Do seo nojento alkorão,
Que — vinho? nem querem vél-o,
Só porque o bebe hum christão!

Vêm as moiras depois d'elles,
Rostos cobertos com véos;
Bem que filhas d'Agarenos,
São tambem filhas de Deos;
Se forão christans ou freiras,
Serião anjós dos céos.

Luzião os olhos d'ellas,
Como pedras muito finas;
Devião ser finas bruxas,
Inda qu'erão bem meninas,
Que estas moiras da Moirama
Nascem já bruxas cadimas.

Huma d'ellas que lá vinha
Olhou-me á travez do véo! .
Foy aquillo obra do demo,
Quasi, quasi me rendeo!
Pensei n'ella muitas vezes,
Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
E o pésinho delicado...
Como pode pensar n'isto
Hum pobre frade cançado,
Hum Padre da Observancia,
Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
Não cabe n'este papel;
Vinhão muitas alimarias,
Como achadas a granel;
Vinha o iffante brioso,
Montado no seu corsel.

Vinhão pagens e varletes,
Vinhão muitos escudeiros,
Vinhão do sol abrazados
Nossos robustos guerreiros;
Vinha muita e boa gente,
Muitos e bons cavalleiros!

A Princeza Dona Joanna
Sahio dos Paços reais;
Era meça e muito airosa,
E dona de partes taís,
Que todos lhe qu'rião muito,
Estranhos e naturais!

Foi requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que d'ella tinhamo,
E por copia de pintores,
Que muitos vinhão de fóra
Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
Ludovico, creio eu:
Hum pobre frade mesquinho
Só trata em cousas do céu;
Sabe elle que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
O onzeno do nome seo,
Que vendo um retrato d'estes
Para si logo entendeo
Qu'era prodigio na terra
Quem tanto tinha do céu.

E logo sem mais tardança
Cahiõ, giolhos no chão;
No feltro traz arrelíquias,
Assi uza hum rey christão;
O seo feltro poz diante,
E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza,
Sahio dos Paços reais,
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bonz homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso
Sobo-las suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seos olhos valião tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabello em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadexo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
Vinha muito pera vêr:
O povo em si nãc cabia,
Quando a via, de prazer;
Era ella sancta ás occultas
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia á raiz das carnes
Duros cilícios cozidos
E humas crinas muito agras,
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratorio a rezar,
Dormia depois na pedra
Sem ninguem o suspeitar.
Estremos tais em princeza
Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seu Védor
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dôr,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
Não perdia a occasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão:
Dizia que era humildade,
E obra de devação.

E as mendigas pasmadas
Sabião de tal saber,
E perguntavão, quem era
Aquella sancta mulher?!

Mãos peccados que ella tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Védor foy quem
Ísto depois revelou,
Quando aquella humanidade
Em o Senhor descançou;
Dona Joanna era já morta,
Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabião algo os estranhos
Por muitos certos sinais,
Que o ar he todo perfume,
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
Que me faz scismar a mi,
Que as donas d'hoje pareção
Huns camafêos d'alfeni,
Não donas de carne e osso;
As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
(He lhes o demo caudel)
Praguejão a meza escaça
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rey agiolha,
Disse-lhe el-rey: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
"Não a meos pés, mas aqui!",

"Sois um bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza:
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza.

Ficárão logo suspensos
Todalos que erão aly,
Ficárão como enleitados,
Enleio tal nunca vi!
Eis que a Princeza medroza
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondera;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deos lhe dera,
Que lhe havia defender?
Sorrio-se, o bem rey quizera
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces
"De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os inimigos,
Tornavão, a Deos fazendo
Sacrificios mui subidos.

"Viam as coisas melhores
Que dos seus reynos havião,
E logo lhas offertavam;
E mercês tambem faziam,
No dia do seu triumpho
A los que justas pedião.

"Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

Em 4-8-93
Lito

"Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a offerta ser tamanha
Quamanha foy a mercê,
Não do nobre rey pujante,
Mas do sancto rey qual he.

"A offerta que vós fizerdes,
Será mercê paternal:
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

"Ao Deus que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada:
Será a offerta bem quista
E do Senhor accettata.

"E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada.,

Que sancta que era a Princeza,
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Vio-se, e não era rezão,
Que a nenhum d'elles prazia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
El-rey, porque muito a amava :
Aquelle dizer da filha
Todo o prazer lhe aguava,
Aquelle pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro d'eilla
O pobre velho cançado,
Chorou o triumpho breve
E o prazer mal rematado,
Não como rey valeroso,
Mas como pay anojado.

El-rey despois mais tranquillo
Rompeo o silencio alfi' ;
E entre afflicto e satisfeito
Disse á filha : Seja assi!...
Velhos guerreiros vi eu
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fizeram,
Nem tam pouco se chorei ;
Foi traça da Providencia :
Nisso commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
O forte rey de Judá ;
Volta coberto de loiros:
Quem primeiro encontrará ?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
Soube a Deus mais agradar ?
Vai a Hebréa constangida
Depor o collo no altar,
Vai a christã jubilosa !
São ambas para pasmar.

Depois n'hum dia fermoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve uma scena vistosa
Dentro de um pobre mosteyro ;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma Princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circumstantes.

Aly humilde e curvada,
Pezar de todos os seos,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céos,
Ouvi — exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos :
Os anjos digão seu nome,
Rostos cobertos com véos ;
Leião-n'o os homens escripto
No liso campo dos céos.

Bom tempo foi o d'outrora
Quando o reino era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

(Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por capellão.)

GULNARE E MUSTAPHÁ

Deos Senhor toy quem nos céos
Pendurou milhões de estrellas,
Foi quem matizou a terra
De froles varias e bellas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que déssem froles mimosas,
Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas arvoles poz carcoma,
Poz na frol muita ruindade,
Poz nos céos a nuvem negra,
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Damna, e faz mal o tedor,
A alma tambem por mil modos
Tenta com geito e sabor,
Que troca o prazer celeste
Em penas d'eterna dôr!

Mas não foy jamais que Deos
Em tal feito consentisse,
Senão porque suas posses
O homem bem claro visse;
Que sem elle fôra o mundo
Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
Que não venha pera bem?
Os d'aqui d'esta amargura
Dão coyta, e gloria porêm;
Dos outros que traz o demo
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor d'elle
Muito má vida levei,
Que me dá coyta mui grave
Do mal que me comortei.

Como já fiz penitencia,
Ora farei confissão;
Tal será, qual foy o escand'lo
De que fui occasião:
Não me tomem por modelo,
Mas tomem de mi lição.

Não he pera honra minha,
Mas pera honra dos céos,
Que eu direi publicamente
Os feios peccados meos;
Toda a vergonha foy minha,
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
Celeste, e mais na d'aqui:
Dá batalha o cabo experto,
D'esses muitos que ha per hy;
Toda a preza aos seos concede,
Só lãa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
Já vive dentro d'Aveiro;
Comsigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rey fragueiro;
O que ás terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
Netos d'Agar, inda mal!
Traçando vastas roupagens
À maneira oriental;
Larga faxa na cintura,
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
Pelas ruas passear,
Passo a passo — graves, mudos,
Com doairos d'espantar,
Profundas rugas na fronte,
Rugas de mão meditar.

Levar traz si tanta gente
Nunca a ninguem vi assi;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda apoz si,
Bôdo, nem festa d'orago,
Bufão, e nem bolati.

Mas quem vio acaso as turbas
Correrem traz algum bem?
Vão todas apoz engodos,
Apoz maldades tambem;
Mas seguir a Deos por gosto
Nem as vi, nem vio ninguem

Com estes moiros descritos
Vierão tambem aquellas
Moiras, filhas da Moirama,
Donas, creio, muito bellas;
No trato e no galanteio
Outras que taes Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
Aquella moira fatal,
Que nas ruas de Lisboa
Vi no cortejo real:
Cortejo d'el-rey Affonso,
Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
Nulla rem lhe estava mal;
Dizião que tudo n'ella
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa orienta!

Aquella abelha sem dardo,
Aquella pomba sem fel
Passava noites inteiras
Tangendo n'hum arrabel,
Coando vivas saudades
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquelle triste instrumento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era n'aquella feição.

Zagalês porêm da serra
Mil vezes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia;
Mas no bordão apoiado,
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e pasmado
De todos e mais de mi,
Mil vezes fugi da cella,
Té das matinas fugi,
Mil vezes, durante a noite,
Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes!... e não sei como
Isto foy, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava commigo que ouvia
Dilatar-se polos valles
Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,
Bons scismares que scismeí!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomára,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas,
Cheio d'extranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos,
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos mattos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
N'aquellas mattas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
Todo eu não fiquei aly,
Como eu, que por tantas vezes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava :
"Cegueira, Senhor, me dás !
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz ;
Trago cilícios mordentes,
Usando burel mordaz.

"Abro e vejo o livro sancto,
E vejo que não sei ler !
Aquelles santos dictames
Já n'os não sei compr'hender ;
Enojo occupa minha alma,
Hei pavor de me perder !,

D'onde pois me vinha a mi
No proprio bem ver o mal ?
Conheci no meo exemplo,
Que m'era do ser fatal :
Senhor, teo sancto remedio
He triaga cordial.

Bem como o ferro na frágua,
No soffrer a alma se apura :
Assi que disse eu commigo
Que a triaga tambem cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
Lavrando foy pouco e pouco ;
Rohia coyta d'amores
Miolo cavado e ôco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu d'elle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres :
"Que he feito de Frei Antão ?
Negra dôr o tem por certo,
Negra dôr de coração ;
O demo o fez, porque visse
Turbada tal perleição.

"Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança !
A taboa se achega apenas,
Não toma a sua pitança ;
Té nos officios divinos
Perdeo a sua trigança.

"Sahe á noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardião :
Sahir á noite, a deshoras,
Certo não he devação :
Que faz de noite nas ruas
Hum padre, ou frade ou christão ?.

Comtudo alguns dos mais velhos
Dizião : "Que ha hy de mal ?
O quer que he que o perturba,
Coisa não he natural :
Deve ser condão divino
Ou graça celestial !

"Pois um sancto como aquelle !
Quem he que o ha de tentar ?.
Eis senão quando começa
Voz, não sei d'onde, a zoar
Que Frei Antão já não sabe
No seu rosairo resar !

E o caso foy que hum noviço
Tirou-m'o só de matreiro,
Tendo-o fechado comsigo
Por novena ou mez inteiro;
E eu d'outro me não provêra
Sendo que tinha dinheiro!

Todoos meos defensores
Voltarão-se contra mi;
Dizião que era mal feito
Hum sancto mentir assi:
Seja-me Deos testemunha,
Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communnidade
Propoz-me o Provincial:
"Dizei *peccavi*, meo Padre,
Que voz haveades tão mal,
Que não rezades as rosas
Da virgem celestial!,,

Ouvido que foy por mi
Tão solemne mandamento,
A mi, que primára sempre
Adentro do meu convento,
Não sei que pejo maldicto
Ocorreo-me a pensamento.

Não era feio o peccado,
Mas confessal-o; e assi
Fiquei de pavor transido,
Mal que tal preceito ouvi:
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer:
Nem confessar meo peccado,
Nem ao menos responder:
Ficarão como suspensos
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
Rompe o silencio e "Azinha
Trazei, disse elle, o hyssope,
Mais a benta caldeirinha;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não he comezinha.

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia:
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia;
Rezava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hyssope todo molhado,
Dizendo sacerdotal:
"Fugide, partes adversas,
Demonio, espirito do mal,

"E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jesus
Soffreo, martyro affrontoso,
E morte vil n'hum cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Espirito, que sempre luz!

Ouvido aquelle exorcismo,
Cego de toda a rezão,
Larguei-me do refeitório,
Fugindo como um ladrão;
Clamarão todos em grita:
"Chantou-se n'elle o Legião!",

Enfiei os claustros todos,
Passei pela portaria.
Achei-me em logar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia:
Os sons do arrabel mourisco
Sómente d'aly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
Discursavão entre si,
Dizião dos esconjuros
Que mal cabião em mi,
Que era grande sacrilegio
Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o christão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo,
E o Demo em si não sentia;

Era o padre que trocára
O amor de seu Senhor
Por amor d'huma Donzella,
Filha d'aquelle impostor,
Mafoma, falso propheta,
Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
Mandou ao nosso Convento:
Qu'eu prestes vá ter com ella
Manda por seo mandamento;
Não quero demora, nem falta,
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
Não m'o diz a mensageira:
Não sabe coiza de certo,
Não dirá coiza certa:
O habito á pressa enfio,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade,
Veio a Princeza real:
"Meo Padre, disse-me entones,
He fóra do natural
Qu'eu tenha escravos, e moiros,
Rainha de Portugal.

"Ide vós porém chamal-os
Pera o rebanho christão;
Cazade-os vós muito embara,
Que bem d'ahy haverão:
Eu lhes darei corpo livre,
Deus Senhor a salvação..

Siquier uma só palavra
Não tive n'aquelle ensejo,
Sustou-m'a já na garganta
Não sei que mesquinho pejo;
Por confessar meo peccado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Ultimo fructo colhido
N'aquelles jardins do Eden;
O Demo o trocou primeiro:
Todo o seo mal d'ahy vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre avelludado;
Tal é aquella vergonha,
Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
Do limo que é tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso:
Aly com ellas se abraça
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhas;
Humas coizas de má sina,
Outras coizas mal fadadas.

He força fallar á moira!
Disse commigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; aí de mi!
Tem termo toda a jornada,
Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros moiros,
Tão feros, não se me dava;
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando d'aquella menina
Mourisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foy o sancto Daniel,
Fui eu no covil lançado
D'aquella gente infiel;
Era elle experto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira,
Leixando a mais gente vil,
Ardia doce perfume
Em transparente viril;
Sobre um bofete lavrado
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
Que hum reposteiro cobria,
E hum pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais hum denso tapete,
Que o som dos passos cornia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco setim
Entreteladas parece
De coiza de bocaxim,
E humas lasgas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia um jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fôra hum alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
A negra coma apertava ;
Que doces anneis brincados
A negra coma formava !
Quando por vezes no collo
De neve — se debruçava !

Sob as largas pantalonas
Hum pésinho delicado
Sabia nusinho e bello,
Mimoso e branco e nevado ;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
Trazia a moira hum annel ;
Meio deitada, a desleixo,
Tangia no arrabel ;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
Era de lingoa algemia ;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia !

Era menina e fermosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coiza assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
E o demo em sua cegueira,
Fazem quasi as mesmas coizas,
Mas por diversa maneira;
O demo como quem he,
Deos como luz verdadeira.

Pois este poz a virtude
Entre afflicções dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos;
Em ledices enganosas
Pôz o demo o seo peccado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quanto o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquella moira mimosa,
Que as suas mágoas carpia:
He hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor!
Ultimo vôo desprega
E hum doce grito de amor:
Nas pennas esconde o bico,
Nem teme o visgo tedor.

As froles do sol viúvas
Definhão, só de tristura;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina silencio que falla,
Bafeja a doce frescura.

“Vistes vós meo bem amado,
(Dizia a filha d’Allah)
“Vistes vós meu bem amado,
“O meu senhor Mustaphá!
“Se o vistes, dizei-me onde!
Por alma vossa, onde está?

“A noite o deixou fechado
“Portas a dentro do harem:
“Sorvia aquelles perfumes,
“Que lá d’Arabia nos vem;
“Trajava os reais vestidos,
“Que lhe cabião tão bem.

“Já era sobre-manhã
“Quando de mi se apartou;
“Seo negro corsel d’Arabia
“D’um pulo só cavalgou,
“E o sol que vinha raiando
“Lá na montanha o topou.

“Vio d’aly seos bons guérreiros,
“Em alas promptos estão;
“De fronte mal enxergava
“O troço do rey christão:
“Disse o crente musulmano:
“Allah m’os trouxe, meus são!

"Allah! lhes grita o guerreiro,
"Respondem-lhe os seus: Allah!
"Gritão Christãos: Sam Tiago!
"E o meo senhor Mustaphá
"Desceo então da montanha,
"Que nunca mais subirá.

"Desceo elle da montanha
"Qual rocha descommunal,
"D'agudo cimo tombando,
"Arrazando o pinheiral;
"Mas a rocha em fundo valle,
"Faz-se pedaços, em mal!

"Desceo elle ao fundo valle,
"Como tufão queimador;
"Polos christãos inimigos
"Cortou sem pena e sem dor;
"Raio d'esforço na guerra
"Foi Mustaphá, meo Senhor!

"Mas o vento do deserto
"Depois de médas formar
"Das areias que agglomera,
"Onde é que vae acabar?
"Mafoma e Allah que m'o digão,
"Que eu não sei senão chorar!

"Allah quebrou teo orgulho,
"Meo bom senhor Mustaphá!
"Allah quebrou teo orgulho,
"Mas quando se acabará
"Vida que vives de escravo,
"Vida que levas tam má?

"Doces Huris do Propheta,
"Lá do palacio de Allah,
"Olhavão cá pera baixo
"Só pera ver Mustaphá!
"Guerreiro não foi como elle,
"Como elle ninguem será.

"De ser elle o meo amado,
"Ai que já fui bem feliz!
"De ser elle o meo amado
"Tinhão-me inveja as huris:
"Ora não ha quem m'inveja!
"Foy Allah que assim o quiz.

"Ora não ha quem m'inveja!
"Tenho no peito afflicção;
"Escrava sou d'hum escravo,
"Escravo d'hum vil christão!
"Mesquinha, que ainda o amo;
"Trago-o aqui no coração!.

Então pera junto d'ella
Cheguei-me sem ser sentido;
Fallei-lhe em som cavernoso,
Medonho e baixo no ouvido:
"Por que assi amas o escravo?
Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o espirito malvado
Quem pera ally me arrastou,
Quem nos meos castos ouvidos
Palavras tais derramou,
Quem aos pés da moça moira
O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
Pezava co'o pezo seo,
Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueo :
Vendo-me ally de giolhos,
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida.
Mas antes seos olhos vi;
Aquelles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos!
Ora bem se me afigura
A lua rasgando aa trevas
Em meio de noite escura!
Vi Diana, a caçadora,
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
Hum grito franzino dá!
De mi se parte voando,
; Senhor Deos, o que será?
Volto prestes a cabeça...
Vejo o moiro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço
A moira os braços prendeo
Arfa-lhe o peito açodado;
Pera traz roja o seo véo,
Off'rece o rosto mimoso
Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa
Hera que um robre vingou ;
Ligou-se estreita com elle,
Do tope se debruçou,
Folha metteo pelas folhas,
Vida com vida cazou.

"Gulnare, disse-lhe o mouro,
Gulnare, meo doce amor,
Melhor que a rosa da Persia,
Que arabio incenso melhor,
Frol dos jardins do propheta,
Que dás mate á minha dör!"

Responde a moira mimosa :
"Dizes bem, meo Mustaphá ;
O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso effluvios dará ;
O sol scintilla na rosa,
A rosa resurgirá."

"Abelha, tornou-lhe o moiro,
Que sussurras de agastada ;
Herva, que as folhas contrínges,
De estranho corpo tocada ;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada ?"

Ella entoncos de malquista
Deo-lhe d'olhos pera mi ;
Sancto Jesus! em que apertos
N'aquelle ensejo me vi,
Prendêra-me força occulta,
Foy porêm que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princeza,
He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sobre mi;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erriça,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seos iguais;
Devião ser puro fogo,
Senão faiscas fatais
D'aquelle sol do deserto,
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,
Luzindo em fea espelunca;
Olhos que o gyro do sangue
Nas veias demora e trunca;
Olhos cheios de carniça;
E d'ella não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo:
"Que vieste aqui fazer?,"
Fiquei deslogo tremendo,
Sem lhe poder responder:
"Senhor, ..., em nome do céu!...."
Disse eu; que havia dizer?

"Em nome das tres pessoas
"Da trindade, em huma só,
"Eu vos rogo, senhor moiro,
"Que siquer tenhades dó
"Da alma vossa arriscada,
"Já não do corpo, que é pó.,

N'aquelle ensejo apertado
De sancto ardil me vali;
Lembrou-m'o o exemplo sagrado
Da forte hebréa Judith!
Ser isso influxo divino.
Sabendo fiquei d'aly.

Tornou-me o moiro descrido:
"E a mi que m'importa mais
"Que viver entre valentes,
"Em gozos celestiais,
"Entre jardins prazenteiros,
"Entre fagueiros rosais?

"Tu me fallas dos teos Deuses!
"Ha outros sem ser Allah?
"Allah, que o vôo dirige
"Dó bemfazejo Kathá!
"Christão, dos teos falsos Deoses
"Bem pouco a mi se me dá.

"Digo-te eu, que elles não podem,
"Mais que digas que são trínos,
"Suster no ar do propheta
"Os sanctos restos divinos,
"Que a Meca chamão por anno
"Milhares de peregrinos.,

Ouvindo aquellas blasfemias,
Senti arrojo dos céos;
Hia fallar, mas o moiro
Tornou-me: "Só Deos he Deos,
"E Mafoma o seu Propheta,
"Em que pêze isto aos incréos!

"O que penso, sem resguardo
"Dir-t'o-hei, christão, alfim;
"Não uza como vós outros,
"Mahometano Muezzin,
"Não vai á caza dos crentes,
"Não leva tenção ruim.

"Não rója, não, de giolhos
"Aos pés de christã donzella;
"Mas lá dentro da Mesquita
"Vive sempre e sempre vela,
"Ou do alto minarete
"A' prece os crentes appella.

"Portas a dentro do templo,
"Imagem da crença pura:
"Do alto do minarete,
"A imagem d'Allah figura,
"Bradando incessante e sempre
"Aos homens, d'aquella altura.,

"He assi entre vós outros,„
Tornei-lhe, "que entre nós não.
"Queremos em cada caza
"Um templo de devação,
"Em cada peito um sacrario,
"Hum padre em cada christão.

Sobresteve mudo e quedo,
E como que reflectia
O moiro, que me parece
A graça já presentia,
A graça que o céu nos manda,
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquelle ensejo feliz,
Que passado curto prazo,
Severo o moiro me diz:
"O que Deos faz he bem feito:
"Moio nasci, não me fiz!

"Deixemos pois tal assumpto,
"D'elle não quero tratar;
"Ou antes dizei, bom Padre,
"Qu'hides carreira tomar,
"Adoptando novo ensino,
"Novo modo de prégar.

"Andai por essas estradas
"E dizei á vossa gente:
"E vós que mal vos hão feito
"Os homens lá do oriente,
"Que vos livraráo dos godos,
"E do servir inclemente?

"As vossas artes que tendes
"Cujo as havedes? — de quem?
"D'onde vêm ás vossas terras
"Campos de lavrá que têm,
"E as torres acastelladas,
"E as mesquitas, d'onde vêm?

"Quem nos vossos negros montes
"As alcáçovas plantou,
"Como candido turbante,
"Que na fronte se enrolou
"De um homem da côr da noite,
"Que a Nubia ardente engendrou?

"Ou s'isto melhor te praz:
"São obras de reys pujantes,
"Tendas ricas e pomposas
"No dorso dos elefantes;
"C'roas de pedra lavrada
"Na fronte d'altos gigantes..

Estes moiros na verdade
Qu'esprito e graça que têm?
Quando vos dizem mentiras,
Sabem dizel-as tão bem,
Que havemos de perdoar-lhes,
E em cima querer-lhes bem.

Mas andam tanto enfrascados
No seu maldicto alkorão,
Que era de ser o primeiro
A soffrer condemnação
N'aquelle sancto concílio,
Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
He só polos não ver mais;
Fazião prompta justiça
"D'estes e d'outros que tais:
Ardião com seos authores
Em bons applausos gerais.

Se d'elles houvesse agora,
De que pró nos não seria?
Vive tal livro entre gabos,
Que ally no fogo arderia,
Com pasmo de seos aucthores,
Que os têm por coisa mui pia.

E d'outros que só por artes
Fruem da voga que têm,
Que não sei onde he seu preço,
Nem d'onde apreço lhe vem,
Senão por vias occultas,
Que as não descobre ninguém!

Mas deixemos estas coisas,
Que não são de boa avença!
O livro que eu reprovára
Por muito justa sentença
Trouxera-me coyta grãve,
Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
Bem qu'eu não saiba tallar,
Senão com longos rodeios:
(Vem-me o sestro de prégar)
Quando me julgo no cabo,
Mais longe estou de acabar.

"Moíro, n'aquella batalha,"
Disse eu, "ouvidos me dá,
"Quando o reyno teo perdeste,
"Não chamaste por Allah?
"Não te ouviu! — chama por Christo,
"E Christo, Deos, te ouvirá.

"Vás as terras de Moirama,
"Ou fiques em Portugal,
"Senhor serás do teo corpo,
"Vida terás natural:
"Vê, se Gulnare formosa
"O teo propheta não vale!

"A moira que não foy feita
"Para servir a senhor,
"Que de bella e de mimosa,
"Parece que o mesmo amor
"O corpo tem de quebrar-lhe,
"E de apagar-lhe o candor.

"A moira doce nascida,
"Doce creada; perol
"Que só sabe apavonar-se
"Da manhã polo arrebol,
"Não nos jardins d'estas partes,
"Mas onde mais queima o sol.

"A moira bella e mimosa!
"Avezinha pipitante,
"Qu'ama ar puro, espaço livre,
"E céu de côr deslumbrante,
"Que o vôo fugaz desprega,
"Quando o sol he mais brilhante!

"Ai! não guardes a avezinha
"Dentro de estreita prisão,
"Não mudes a frol mimosa,
"Que hem'stá no seo torrão:
"Vai ás terras da Moirama;
"Se queres hir, sê christão.

Huma lagrima brilhante,
Como que a furto luzia
Nos olhos da moça moira
Que o moço moiro cingia;
Em que nada lh'e dicesse,
Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
O mouro bem compr'endia
Que mudas fallas fallava
O pranto que ella vertia:
Saudades erão da Patria,
Que o moiro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
Se ella pedia chorando;
Se o mal por que ella passava,
Tambem 'stava elle passando:
Se o bem, que lh'ella pedia,
Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados
E aquelle amor entendi,
Do effeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi,
Cravei as unhas no peito,
Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes hum não revel,
E que então a moça moira,
E mais o moiro donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de huns olhos nos vem,
Que fôra morrer por elles
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O moiro agreste rendeo;
De leixar o seo Mafoma
Logo desly prometteo,
Leixando a avença do demo,
E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquelle fructo do Eden;
Foy Eva quem lh'o offertou,
Eva, mulher e sozinha,
A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seo proposto
Por mero condescender!
Se não he coisa do demo,
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido,
Quando por outro era amada.
Por outro d'ella querido.

Hum pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
N'esta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem;
Ninguem que vele por elle,
Sobre quem vele — ninguem!

Curar da may enfermada
Bem pode o homem segral
Ha sempre casta donzella,
Que se dêa do seu mal:
O frade só despojado
Vive do fôro humanal.

Viverão aquelles moiros
Depois d'esta occasião,
Muitos annos bem logrados,
Em amor e devoção;
Louvor ao sancto baptismo!
Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio
Aquella peste primeira,
Setta que o alvo attingia
De bem talhada e certa,
Chegou ao christão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
Cheia de muita afflicção,
Recolheo-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveo muitos annos
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
Dizem que a virão rezar,
Em extasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar!

Ouvido aquelles extremos,
Commigo logo assentei
Que eu fôra hum pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'huma ovelha esgarrada,
Mercê de Deos encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
Desly se me figurou
Candida lã d'ovelhinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguem que ally divagava,
Felpas de lã recolheo,
Bateo as na fonte pura,
E em branca tela as teceo;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão:
Só elle hum bom diamante
Pode fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assim por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLÃO

DO SENHOR REY D. JOÃO

Ora pois direi um feito
Do senhor rey D. João,
Segundo que foi de nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar de côro,
Nem sempre velar convem;
He mister algum descanso,
Alguma folga tambem,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remedio he mister:
E se a nenhum conhecemos,
Que mais nos ha de valer
Que recordar o passado
E contos d'elle fazer?

He assi que no mar alto
O cançado mareante
Luta em vão contra a tormenta
E contra o vento inconstante!
Negras vagas se encapellão,
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
Languidos olhos estende,
Vê mar que ferve revoltado
E chuva que do céu pende:
Como deixou seu alvergue,
O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
Os p'rigos que elle affrontou:
Figura risinhos quadros
Dos gozos que já gozou,
Do que na terra o convida,
Do que na terra deixou.

Do que outr'ora foy passado
E mais do que vai passando,
Medonho e máo paralelo
Vai o mesquinho traçando;
Dôr de espinhos penetrantes
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver é tormento,
Tormento que sempre dura,
He certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mae vêde o que val a vida!
He aquella aventurada,
Se dizemos verdadeiros:
Houve um dia, huma hora, hum nada,
Não do pezar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Semelha quem pola calma
O dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cançado e triste quedou;
Ally thesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na santa semana,
Semana de devação!
Com jejuns e penitencias
Apresta-se o bom christão
Pera os mysterios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
N'aquelle passo sagrado
D'aquelle homem divino.
D'aquelle Deos humanado,
Que por amor de seos filhos,
Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
Mas por dinheiro trahido!
Por hum homem refalsado,
Por hum discip'lo querido;
Trahido por meio infame!...
Hum falso beijo vendido.

Foy mister por mór tormento,
Que morresse polos seus!
Entregue por hum eleito
Nas garras dos Fariseos,
Homem morreo polos homens,
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
C'roa d'espinhos tecida;
Correrão dados infames
Em taboa vil, denegrada;
Em haseta foy rematada
Túnica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
Quem mais do qu'elle soffreo?
Quem mais comprido martyro,
Quem mais affronta e labéo?
Tal foy, que o homem divino
O rosto ao calix torceo.

Tal foy que o Deos humanado
Disse ao Deos que era seu pay:
"Senhor Deos, s'inda he possivel,
Do vosso intento tornai:
Este calix de amargura
Dos labios meos afastai!",

Carpindo males alheios,
Quantos não vemos per hy,
Que nem siquer se recordão
De quanto soffreo por si,
Hum Deos na cruz affixado,
Mil dôres soffrendo ally!

Ante esta victima augusta
Da mais feroz crueldade,
Cala quanto o homem soffre,
Quanto soffre a humanidade?
Tormento não foy como elle,
Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns incréos
E refalsados atheos,
Guardão n'as extasis todas
E mais os transportes seos,
Pera Socrates que morre,
Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,
Imiga de toda a luz,
Que longe que vai do Grego
Ao Nazareno Jesus,
E da masmorra ao Calvario,
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
Não attenderão tambem:
Se emparelhamos idéas
Âs coisas que corpo tem,
Entre elles vai mór distancia,
Que vai da Grecia a Belem.

Morre o Grego, e não dá fruitos;
Morre Jesus por nos dar
A ley do céo pera a terra;
Ley que se pôde lavar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
E huns homens apenas são;
Emquanto os algozes d'este,
Em que povo de eleição,
Sumirão-se, como argueiro
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
Semana de devação,
Comsigo mesmo propunha
O senhor rey Dom João:
"Confessarei minhas culpas,
Que além de rey, sou christão.

"Ao Senhor, pay de nós todos,
Meos erros confessarei;
Que me dê força indomavel
Pera guardar minha ley,
Pera punir os culpados;
Que além de christão, sou rey.,

Azinha chamando hum pagem
Lhe diz, e lhe ordena assi:
"Hide aos Padres Dominicos
(Melhor lhes quero que a mi),
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
Que vou commungar ally.,

Veiu logo o mensageiro
Com a mensagem real;
Recado qu'el-rey lhe dera,
Dá elle ao Provincial.
"He certo mercê mui grande,
Responde, — tenho a por tal.,

Ao padre Thomaz da Costa
Chama n'huma Ave-Maria;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rey lhe qu'ria:
De tam lisongeiro acerto
Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza:
"Prazer aos Reis cá da terra,
Não he nenhuma vileza.,
Praz a Deos que lhes prezamos,
Pois vem d'elle a realeza.,

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister:
Sabia o Padre Thomaz
Encargos do seu dever;
"Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?

"Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ageita;
Mas onde existe essa força
Que hum rudo tronco sugeita,
Se a força he balda no tronco,
Se o tronco a força regeita?

"Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como hum singelo zagal;
Cúra pastor de pastores,
Não de pessoa real.

"He facil o seo encargo,
Pejo, nem dôr lhe não traz;
Não he assi nos palacios,
Onde só vejo disfraz:
Vêm logo as rezões de estado,
Inventos de Satanaz.

"Vêm logo as leys cá da terra
Contrapor-se ás leys dos céos:
Sêde christãos, reys senhores,
Ou então de todo incréos!
Leys dos homens não se cazão,
Não seguem ás leys de Deos.

"Não ligueis n'um só consorcio
Terra feia e céu luzente:
Leys da terra a terra buscão,
Como a raiz da semente;
Leys do céu os céos procurão,
Como flôr que o sol presente."

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sedas, nem joias,
Mas peito d'aço batido:
Era qual homem vivente
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se um rey poderoso
Perante um homem de pé;
Perante um Padre coitado,
Que nada tem, nada he:
Licção profunda e subida,
Preceitos da nossa fé!

Portas a dentro do templo,
Onde Deos eterno habita,
Onde aquelle amor sem zelos
Sómente os peitos agita,
Nas differenças do mundo
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavão, senhor e servo,
Como se forão iguais;
Mas o que lá foy licença,
Aqui são leys divinais:

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aquelles que a vida fruem,
E aquellos que só tem dôr;
Pobres, que almeirão a morte,
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
Que aly reunidos estão,
Mas sim, porque a Deos importa
Que não haja distincção
Entre irmãos, no patrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
Da multidão apinhada,
Qual lisongeiro perfume
Das flôres d'huma grinalda;
Tem huma odor, outra espinhos,
Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Já disse as culpas que tinha,
Já fez a sua oração:
O Padre vai ministrar-lhe
A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
Expressão nobre e subida;
Maneiras cheias de brio
Em postura comedida,
Parece que vão mostrando
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguem;
D'ahy lhe vem ser humilde,
Nobreza d'aly lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento;
Principia el-rey — *confiteor*, —
Quando n'aquelle momento
Surge ao pé d'elle um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia,
Polas grades da vizeira
Raio de luz despedia:
Medonho e fero apparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou á espada
A furto!... seja o que fôr,
Não creio que homens d'aquelles
Possão jámais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
"Em nome do Senhor Deos,
Meo Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rey não commungue,
Poisque não he justiceiro."

A hostia das mãos do Padre
Cabio do cálix no fundo;
El-rey carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Affrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
De um caso máo, miserando:
De noite se ergueo a força;
Mas quando o sol foy raiando,
Não vio ninguem mais a força,
Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
Sanhas do rey não quiz ver;
Não ha que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer:
"Senhor, sou Padre Tavares!,
Fita o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrára a furia real):
"Em bem, meo bravo guerreiro!
Mas esse trem de que val?
Somos em terras d'Hespanha,
Ou somos em Portugal?"

— "Senhor, não uzo brocados:
Vedes-me assi, e he razão,
Que haveades os meus haveres
Sem me deixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

— "Fui ter ao vosso palacio,
Ninguem me não conheceo;
Quantos ally são comvosco,
Eu vos direi, senhor meo:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

— "Voltei d'ally, protestando
Jámais não voltar ally;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti me a modo de guerra,
Vim ter comvosco, — eis-me aqui?

— “As minhas alcaydarias
De Portal’gre e Assumar,
Senhor rey, vós m’as tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavão perto da raya,
Mão azo de guerrear.

— “Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Porque ora m’as não tornais?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m’as cubiçais.

— “Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalha
Despreza no almargeal.

— “Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquillo que me he devido,
Só peçõ que se me dê! —
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seo leal lidador:
“Nós vos faremos justiça,
Assi como justo fôr;
Tendes a nossa palavra,
Seja vos ella penhor!”

Alegre o padre Thomaz
O seo mister rematou ;
Hostia tomada do calix
Aos labios do rey chegou,
El-rey d'hum copo doirado
Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outr'ora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sугeitos,
Hum ao outro dando a ley :
No Paço o rey ao vassallo,
Na Igreja o vassallo ao rey !

SOLÃO

DE

GONÇALO HERMIGUEZ

Não ha mais d'aquelle tempo,
Em que era tudo lhaneza !
Acções e vida e costumes
D'esta gente portugueza,
Por tal geito se trocárão,
Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
Pois ha em tudo exeições ;
Mas trato da grande lépra
Que vejo hy nos corações:
Despreso do amor da gloria
E apego ás ruins tenções.

Outr'ora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seos enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabellos primava.

Não corria séca e meca
Traz de mimosa donzella,
Que nas ruas lobrigava;
E por ver mais perto a bella
Não hia ao templo sagrado,
Sómente por amor d'ella.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofo amoante,
Por baixo das gelozias,
Desenhando hum rosario
De trovas e ninharias.

Jámais não foy esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que experto dedilhasse
Na lyra do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguém n'ó vira a deshoras,
Como homem de tenção vil,
Como hum ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua appellidada
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais bellas e justadores,
Na arena se apresentava
Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reys d'armas e circumstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes;

Entrava o novel guerreiro
No cêrco dos justadores!
De alguma dona sizuda
Na charpa trazia as côres;
Tinhão amor ás claras,
Porque erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
Quê feios golpes se dão!
Abolão-se capacetes,
Talhão-se arnezes; e a mão
Certeira ao travez da malha,
Vai direita ao coração.

Lá sôa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bella entre as bellas
O seo trophéo vem depor:
Ao mais valente a mais bella,
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consorcio
Da força co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a herá graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
Que lhe descubro um senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
E coisa de mui folgar,
Ver um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
Á pura força de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,
Sob pena d'um fendente,
Que vem do céu, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
He certo que d'ahy vem
Ás nossas donas de agora,
Aquelle séstro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
Ao menos de o parecer?
Emquanto muitas... Deos meo,
Eu me sei compadecer,
Soffro o mal que os outros paixão,
Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
Que aquí na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meo Deos, por occasião
De tedio e nojo ao peccado,
E morte da tentação.

Té os moços que as namorão,
Dirão no confessional,
Jurando por Deos eterno
E pola vida eternal,
Que se fallão d'elle e d'ella,
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo d'essa donzella,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como uma estrella,
Sem que houvesse ahy no mundo
Coiza melhor nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
Julgara, sem mais razão,
Que n'este mundo mesquinho
He tudo engano e abusão,
E té que a propria belleza
He coisa de convenção!

Era assi que n'outras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Á ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
Que foy nosso rey primeiro,
Havia na sua côrte,
Côrte de rey mui fragueiro,
Hum tal Gonçalo Hermiguez,
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada.
Fiava el-rey muito d'elle,
E a rayna Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nenhum rival
Em compor trovas mimosas;
E no campo e no arrayal
Não n'ó havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
Votára á gente infiel,
Porque o pay lhe havião morto,
Era elle ainda novel;
Vel-os porêr não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum d'estes
E entrar logo em sanha tal,
Que era força ter mão d'elle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhamo tento n'elle,
Era outro conto ruim!
Cahia logo em desmaios,
Que era um desmaio sem fim!
Dó era ver tal sugeito
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
Em perpetua correria
Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia:
Dava porê mór realce
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
Em hum sarão folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Moiros
Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,
Aquella nobre nobreza
Por amor de seos amores
Commette tam grande empreza,
Qual a de hir terras de Moiros
Com feros, ronco e braveza,

Qual apreeta o seo ginete,
Qual a fita dependura
No collo nunca domado;
Qual a pesada armadura
Inverga, e ahy se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deus por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão.
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
Por grito de accommetter,
Que nas lidas e pelejas
Saberá fazer valer!
Qual sente o nojo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem vio a morte passar-lhe
De perto, já não descora
Por hum presagio funesto,
Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
Azinha promptos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes além já lá vão!
Ninguem vio mais escolhido
Nem mais luzido esquadrão.

Entre elles por mais robusto
Gonçalo Hermiguez campeia;
Diz seu porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento!
Não convem que se aprecatem
D'aquelle acommetimento
Moiros que vivem na regra
Do seo alcorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
He viver dentro do harem.
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho tambem,
Sem que lhe pêze este mundo,
Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flores,
He viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em molleza effeminada,
Nem que fosse huma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Pozerão todos a mira
Em Alcácere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral;
Nó gordio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão
Vão em procura d'Almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
Ó Tejo, quanto me he grata
Essa placida corrente,
Quando a lua se retrata,
Chovendo chuva de raios,
No teo chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,
Quando manso o vento gyra,
Que nas folhas rumoreja,
E como que ally suspira
Melindres d'amor suave,
Que nem tangidos na lyra!

Que arroubos que infiltras n'alma,
Quando vae ao som das agoas
Navegando o passageiro;
Já, se as tem, não sente as fragoas,
Que no peito a dôr derrama,
Como uma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos
Pelas faces a correr
Sinta o pranto represado
Pelo seo muito soffrer;
Corra embora, qu'esse pranto
Dôr não é, senão prazer!

Que n'este val, de amarguras,
Onde viemos penar
Por cada dia hum marteyro,
Por cada instante hum pezar,
He bem feliz quem só passa
Dôres que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer;
Nunca os senti n'esta vida,
Nem n'os posso conhecer;
Que não sou dos bemfadados,
E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
Não é quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos annos
Faz seccar e emmurchecer;
He antes aquelle pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
Olhos longos pelo mar,
Lá onde enxergão Lisboa
Com fogueiras de espantar;
Fogo accendido na terra
Sóbe em centelhas ao ar!

D'aquelles fogos accesos
Em roda os velhos estão,
E as donzellas feiticeiras
Com sorriso folgazão,
Cantando coytas de amores,
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos moiros da Moirama
Havido por glorioso:
Folgão nobres e senhores,
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardão, não têm vagar:
A noite assi do Bautista
Vae serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Hum grão e outro a tombar!

Vai assi comq o perfume
Respirando d'uma frol,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol
Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Rorejado gota a gota
De branca nuvem prenhada
Sobre o calice musgoso
De huma flôr avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
Em quem de amores não cura,
Doce peçonha de amores:
Donzella de vida pura,
Quando ha temores de havel o,
He qu'elle já não tem cura.

Do Alcácer as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver huma corrida,
Sahirão portas a fóra,
E mais pera colher flôres,
Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado
Forão, qual sohem de ser
Mansas aguas d'hum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seu caminho,
Cada qual a seu prazer!

Desly pulando e cantando
Vão nas mattas de alecrim,
Colhem a rosa córada
E a branca flôr do jasmim;
Brincão brinquedos contentes,
Folgam folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!
Que arruido vae no prado!
Que bem cantado rimance,
Que soláo tão bem cantado;
Não têm as aves atito,
Nem gorgeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
Que accents encantadores
N'aquelle prazer d'uma hora!
As moças vão colher flôres,
E os moços que vão com ellas
Vão lá por colher amores.

Eis n'isto... estranho arruido!
Rouca trompa abala o ar;
Logo assomão cavalleiros
Com figuras de espantar:
Allah nos valha, mofinas!
Dizem moiras a chorar.

Allah! repetem n'os moiros,
Vendo o pendão portuguez;
E do alfange recurvado
Levão mão sem pavidez!
Feios golpes se preparão,
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
Talhão-se cotas e arnezes;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portuguezes;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!
Lá vem moiros descansados
Em descansados ginetes:
Cavalleiros esforçados,
Que por Christo Deos pelejão,
Não tem de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo.
A'vante! brada, e não al:
Brilha o valente nas lides,
Que ally não acha rival,
Aquelle cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O seu pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o titan gigante,
Serra a serra sobrepondo,
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vae per entre os moiros,
Abre entre elles larga estrada;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficão moiras prisioneiras,
Mulheres— gente coitada!

Gonçalo Hermiguez em tanto
Vio que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que hum moço moiro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:
Comquanto de arremeção
Matal-o tambem pudera:
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bella
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
D'hum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se vio!
E a moira tomando em braços,
Azinha d'aly fugio.

Passou terrivel com ella
Por meio da gente fera;
Quem n'o vira tam sanhudo,
Leão raivoso dissera,
Passando a travez dos homens
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
Noya peleja maior!
Muitos homens contra hum homem,
Contra hum forte lutador;
Mas hum só que a todos vence
Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada,
Co'o peso d'aquella moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como hum frecha quebrada.

Mas inda assi despedia
Hum golpe e outro cruel:
E de encontro a este, áquelle
Mandava o seo bom corsel,
Que a turba multa alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
Acerta em aventurar
Quem a empreza disputada
Tem desejos de acabar:
Só elle demóra em terra,
Que os seos já são sobre o mar.

Torce as redeas ao ginete.
Larga carreira arrepia.
Larga estrada co'o montante
Por entre os moiros se abria,
Despedia muitos golpes.
Muitos estragos fazia.

Chega á praia, os seos avista;
Mas os moiros perto vêm!
Como iste vio, torce o rosto,
Medonho como ninguem;
Temem-se moiros de o verem;
Páráo, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
Traz d'hum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e vólta agastado;
Parão monteiros ao vel-o
Raivoso e mal assombrado;

• E a féra, d'aquelle pasmo
Sabendo, em seo bem, valer-se,
Vai a passos descançados
Em densa matta esconder-se,
Sem temor da monteria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
Salta dentro do baixel;
Na praia ficão pasmados
Moiros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foy jámais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldam vélas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos annos;
Quantos bastem, porque chorem
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz:
• “Das prezas que nós fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moira que por seo nome
Fatima em Turco se diz!,”

Então aquelle seo canto
Principiou a compor:
Cant'eu por vergonha minha,
Em bém que o saiba de cór;
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coisa pior.

Mas era o soláo por certo
Aos tempos accommodado,
Que de outro cantar não acho,
Que fosse mais decantado,
Nem Figueiral Figueredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já baptizada
Pertenceo ao lidador,
Duas vezes conquistada
Polo donzel, seo senhor.
Primeiro á força de espada,
Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
Coiza sabida e seguida,
Remanso depois da gloria,
Descanço depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos actos todos da vida!

Vêde vós quamanho he o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavalleiro,
Tornada e feita christã;
He vida e sangue de hum homem,
Não de infleis barregã!

He como trophéo ganhado
Em guerras de religião
Por algum peito devoto,
Que por sua devação
Prometteo dependural-o
Dentro de templo christão.

O canto aqui finalizo!
Não devo d'hir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre durão,
Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores
A moça moira acabar
E sobre hum covão aberto
Hum homem posto a chorar,
Hum homem de dó coberto,
A carpir-se, a prantear!

LENDA DE SAM GONÇALO

Agora de um grande Sancto
Embora lhe cabe a vez;
Bom Sancto foy Sam Gonçalo.
Pezar que foy Portuguez,
Que sanctos dictos que disse!
Que Santas obras que fez!

Bom tempo foy o d'outrora!
Não lhe quero outra rezão:
Criava a terra gigantes,
Havia sanctos então,
Havia paz e liança
Nos reys do reino christão.

He coiza de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aquelles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maya
Ou Gyraldes sem pavor!

Mas d'estes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;
D'outros digo tam pujantes
E de aspectô tam feroz,
Que hum sancto martyr trincavão,
Como quem trinca uma noz.

Quando a fé 'stava mais pura
Melhor se mostrava Deos;
Rezão d'isto as Escrituras,
Escusa pois ditos meos:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto
Do rey que se houve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo,
Como huns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aquelles,
Cada qual como hum Sansão,
Não é coiza que por brinco
Se frite n'um çangirão,
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhe deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciencia,
Que havião em pouco o trato.
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude
Só a lição nos ficou;
O tempo nos foy comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no espirito roído
De vez a fé desbotou.

Não pasmo d'isto, mas antes
De ver em povo d'incréos,
Quem tema o fogo divino,
Quem torne á caza de Deos,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as azas nos céos.

Cegos! se todos vós fosseis
Criados na escuridade,
Que farieis lobrigando
D'este sol a claridade,
D'este sol que sempre luze,
E pera vós luze embalde?

Como insectos esmagados,
Alastrando longe o chão.
Tontos de pasmo e de medo
Ficarieis vós então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — e que farieis
Vendo aquelle sol divino,
Que cega os olhos do espirito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, qu'inda he terra,
Ficades tontos, sem tino?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fizestes por mi,
Lvai-me dos meos peccados,
Que eu como galas vesti,
Lvai-me d'esta amargura,
Lvai-me, Senhor, d'aquí!

Lvai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dôr
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em usos de feros,
Na religião de terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extincto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldicta
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Prégarem ás cans nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver azas de cometa
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeiros.

Se comtudo um Portuguez
Al dos cometas sentir,
Se esta desgraça presente
N'elles não vio reluzir,
Dir-lhe-hei que elle não sente
O dó de Alcácer-quirbir.

Dir-lhe-hei... mas nada digo!
Eu alquebrado ancião
Hei mister sancto descanso
Pera a minha devação:
Sei que ser Portuguez hoje
He crime d'alta traição.

Agora torno ao meu Sancto;
A lenda aqui principia:
Dai-me, ó Sancto milagroso,
Ajuda em tenção tão pia.
Que hum Sancto, mesmo por ende,
Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era abbade
De Sam Payo na Abbadia;
Era mancebo nos annos,
Mas como sancto vivia;
Com toda a renda que tinha
Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,
Bcns benesses que elle tinha!
Bons portuguezes antigos,
Boa prata comezinha!
Já d'isso não vejo ha muito...
Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si; que se o reyno
Era rico de pobreza,
Cavados tantos thesoiros
Em cada huma fortaleza,
Tanto arcaz de feição moira
Cheio de tanta riqueza;

Porque então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se midão por candis,
Ou então pesos d'Hespanha
Só bem acceitos por vis?

Mas he tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Sommados todo no cabo
Os frutos de cada dia,
Não dão pera o oleo sancto,
Que a mãy de Deos alumia!

He certo miseria grande
E muito grande extranheza;
Que o povo leixe que os frades
Corrão com toda a despeza,
Elles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza!

Mas Deos he o sancto dos sanctos,
Elle nos ha de acudir;
Assi fôra eu Sam Gonçalo.
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,
 Como nunca os viu ninguém;
 E lampada como aquella
 Que em Bemfica os padres têm,
 Huns castiçais de pé alto,
 Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo
 Era outra a devação;
 Todolo próe dava aos pobres
 Com tam largo coração,
 Que não tomava um adarme
 De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
 Dos seos pobres dispenseiro,
 Tudo com elles gastava,
 Que não sómente dinheiro;
 Fiava que Deos iria
 Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada
 C'o o Demo, que o não deixava,
 Os acicates da carne
 Com jejuns os despontava;
 E tinha tam sancta vida,
 Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,
 Antes coiza mui provada,
 Que Deos não quer ser vencido
 Em cortezia extremada:
 Seja a prova aquelles Monges
 Do deserto da Thebaida;

Que se foram commettidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel'd'alimaria,
Como de um urso ferino
Tambem do céu, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta
Porque hoje d'isso não ha:
Pergunto; — porque o deserto
Flôres, nem fructos não dá?
Porque não corre a corrente,
Se a fonte exaurida está?

O céu he sempre benino,
Agua não deixa de haver;
Se a terra pois não produce,
Se a fonte não quer correr,
He terra, he fonte damnada;
Penso que al não pode ser.

Ora huma noite que o Sancto
Rezava as suas matinas,
Ouviu huns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tangem cantando
Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia
Voz que não era d'aqui,
Despega-se, e diz ao Sancto:
— Gonçalo, que fazes hy?
"Oro, Senhor, lhe responde,
"Por todos e mais por mi!

"He muito, a voz lhe tornava,
He muito, mas tudo não;
Faze-te prestes romeiro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola pelas estradas,
Caminho recto a Sião.

"Pascem no monte Oliveto
As cabras do Galaath;
Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Allah; —
Ferve aly muita aravia,
Muito homizio vai lá.

"Se entre os mãos hum bom existe,
Poupa Deos a quantos são;
Porém carreira arrepiã:
Caminho vai de Sião,
Na boca o nome divino,
Minguada esmola na mão.,

O bom sancto alvoroçado
Apresta-se com trigança:
Cumpre divino preceito,
Só n'elle tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'um romeiro;
O Sancto se apresta azinha,
Chama hum parente lidimo,
Portas a dentro o mantinha;
E entrega-lhe o seu rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses também,
Tudo com termos polidos,
Ou só de hum sancto, on de quem
Só quer da vida o marteyro
E os prémios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encommenda
Seos pobres por derradeiro:
Ora lá vai caminhando
Aquelle sancto romeyro.
Pedindo a Deos em sua alma
Que lhe depare o marteyro!

Que acção que trescala a graça!
Que façanha peregrina!
Deixar o esposo prelado
A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina!

Áquelles pobres, seos filhos,
Em vida seos bens legou!
Que mais fez aquella Padre,
Que o livro sancto louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem ha hy que hoje se arrisque
A perfazer tal empreza?
Aquelle ardor atrevido,
Aquelle sancta affoiteza
Foy timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal!
Sem forças pera a virtude;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o peccado
Usa de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanaz,
Póde o homem fazer tanto,
Como hoje em dia se faz!

Já vi em casa de hum rico
Tal meza com tal guizado,
Com cheiro tão penetrante
E adubô tão concertado...
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...
D'ellas não quero tratar:
Cahi na conta que o Demo
Foy só quem n'as pôde armar;
Senti vertigens de somno,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deos Jesus,
Na boca o sancto exorcismo,
No fronte o signal da cruz,
Braços cruzados no peito,
Fronte mettida em capuz.

Então acabei commigo
De crer no que disse Deos
Ao bando dos seus discip'los
E á turba dos phariseos.
Não ser azado que hum rico
Possua o reyno dos céos.

E entrando na minha cella.
Visto a penuria que eu vi,
Clamei que Deos fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lh'a não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dôr:
No seo amado rebanho
Leixando, em vez de pastor
Aquelle falso parente,
Que foy hum lobo tedor.

Olhos outr'ora do falso
Baixados humildemente;
Ditos e fallas de sancto,
Meneyo e gesto consente,
Fizerão-n'o ter por sancto:
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfin;
Logo de posse do bôlo
Mostrou-se o villão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fôra,
Padre não já, mas chatim.

Intruso que não rezava
Nem sequer seu breviário;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adextrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,
Por certo não vio ninguem:
Cavallos de boa raça,
Falcões, açores tambem;
Criados e meza larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio
Todo garboso e luzido,
Ninguem diria ser Padre,
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infânciao destemido.

Que o seu ginete mandava
Com tal arte e bizzarria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavão
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando
Junto á mourisca setteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a setta mui certaíra,
Com lettra e primor de amores,
De amores mãos mensageira.

Assi vivia este abbade,
Em tanto que o verdadeiro.
Sem lar, sem tecto, sem meza,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo como hum romeyro.

Muitos annos são passados,
(Diz catorze a tradição)
Quando o divino romeyro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulchro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,
Como prata, reluzia;
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia,
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco lúzido,
Ou roto ou mal concertado;
Á porta do novo abbade
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida
Um triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitança
Com modesto gazalhado,
Que vem o pobre romeiro
Morto de fome e cansado.

Áquelle pio reclamo
Acode medonho cão,
A cauda enrosca, e d'hum salto
Investe ao sancto ancião;
Rompe-lhe os rotos andrajos,
E arranca lhe o seo bordão.

Acode o dono soberbo
Dizendo: — Vai-te, mendigo!
*Senhor, retrucava o Sancto,
Primeiro ouvide o que digo:
“Morro de fome e cansaço,
“Não tenho lar, nem abrigo!,”

— Não me praz ouvir-te agora,
Tornava o abbade indino,
Mais que depressa esquecido
Que a opa do peregrino
Ou que a murça do romeiro
Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
De piedoso romeiro,
Vem gente de feio trato
E muito vil calaceiro:
Bem he de crer, como eu creio,
Que és d'elles — por derradeiro.

D'esse teu rosto medonho,
Que boas novas não traz,
Digo que o vi nos milhanos
Das serras de Monsarraz;
És predador das estradas:
Juro por Sam Satanaz! —

Ouvido que foy tal nome,
Como do sancto christão.
Ao sancto abbade romeiro
Cahio-lhe o rosto no chão!
Dôr que lh'entrára no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,
Elle, vigairo e senhor,
Que não seria dos pobres,
Que em vez de terem pastor,
Tinhão por guarda e vigia
Faminto lobo tedor.

O sancto ficou penado
E cheio da contricção,
Que ao seu parente talvez
Foi meyo de perdição,
E ao seu rebanho de mágoa,
E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado:
"Gonçalo sou, eis-me aqui!
"Venho ora tomar-vos contas
"Do que fizestes por mi!,"

As frias mãos escarnadas
 No seo bordão ajuntou :
 Espera resposta d'elle,
 Rosto nas mãos inclinou:
 Prosegue; fundo suspiro
 Do peito o velho arrancou:

"Certo que as vossas palavras
 "Mal dizem com o que dissestes,
 "Quando de vós me aparteí;
 "Co'o que vós me promettestes,
 "Co'as licções que vos eu dei,
 "Com a fê que me vós destes!

"Dissestes: na tua ausencia,
 "(Disseste-lo em hora má)
 "Qualquer das tuas ovelhas
 "Em mim abrigo achará;
 "Qualquer dos pobres que leixas
 "Aqui mantido será.

"Ora eis me aqui!... e a mim proprio
 "Negas hum pouco de pão,
 "Que só he de ser negado,
 "Ou a precito ou a cão;
 "Negas-me té gazalhado,
 "E o fogo do meu fogão!

"Levar d'aqui! sou Gonçalo;
 "Dá-me pois o meo lugar,
 "Dá-me as ovelhas coitadas,
 "Que eu não devêra leixar,
 "Dá-me.... — Ai! não pôde o Sancto,
 Não pôde, não, rematar!

Sobre a fronte, calva e nua,
Vio descer grave pancada;
A testa de romanía
Ficou em sangue lavada;
Aquelle sangue bemdito
Regou a terra damnada.

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer.
Vendo aquelle mau prelado
Acção tam vil commetter,
E Sancto tal affrontado,
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso
Que pôde tornar do pão,
Já não digo azyma feia,
Senão massa de carvão,
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão;

Que moveo rochedo enorme
Junto á ponte d'Amarante,
Chegando-lhe hum dedo apenas,
Como se fôra gigante;
Rocha que esforços baldára
De muita gente possante:

Que fez elle?... oh! nada fez!
Disse: "Deos o quer assi;
Sou eu creatura sua,
Bem he que elle mande em mi:
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seu talante — si.

"É vossa a força que eu tenho,
Disse elle: em uso a não puz,
Que tambem sobre o calvario,
Vós, Senhor meo, bom Jesus,
Nem o calvario afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

"Porque se eu, filho do barro,
Ser mesquinho, ou verme, ou nada,
Tenho em mi força divina
He pera ser empregada
No que é mister, porque seja
A gloria vossa exaltada.,

Assi discorria o Sancto
No seu profundo juizo;
Ora descança no meio
Das glorias dô paraizo:
Louvor a Deos! — e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coizas como forão,
Não como devião ser;
Hum Sancto, mesmo porende,
Merece menos soffrer:
Julgo assi; digão-n'os sabios
Qual he o seo parecer.

Cant'eu — sabença da terra
Tenho por coiza ruim,
Que serve só pera gloria,
Que he só vangloria; e assi
Que como he coiza de orgulho,
No fundo inferno tem fim!

O homem que fôr prudente
Só pelos frades se reja;
Creia no Papa e nas Bullas,
E na Sancta Madre Igreja:
O mais he coisa de fumo,
Não sei de que valor seja.

Que reze o sancto rozaio,
Dou de conselho tambem;
Que assi viverá na gloria,
E vive se lá mui bem,
Cantando hosannas eternos
Por tempos sem fim: *amen.*

FIM

INDICE

Noticia sobre a vida e obras de Antonio Gonçalves Dias	3
Sextilhas de Frei Antão — Loa da Princeza Sancta Gulnare e Mustaphá.	23
Solão do senhor rey dom João	41
Solão de Gonçalo Hermiguez.....	74
Lenda de São Gonçalo.. ..	88
	108

Francisco Guilhermes